



# LUCINDA RILEY

## A IRMÃ DA SOMBRA

As Sete Irmãs | Livro 3  
A História de Estrela



ARQUEIRO



*Sempre me lembrarei de onde estava e do que estava fazendo quando recebi a notícia da morte do meu pai...*

Com a caneta ainda suspensa acima da folha de papel, ergui os olhos para o sol de julho, ou pelo menos para o pequeno raio que tinha dado um jeito de se esgueirar por entre a janela e o muro de tijolos vermelhos alguns metros à minha frente. Todas as janelas do nosso minúsculo apartamento davam para essa vista soturna e, apesar do tempo bonito lá fora, o interior estava escuro. Muito diferente da casa da minha infância, Atlantis, às margens do lago Léman.

Percebi que estava sentada exatamente no mesmo lugar onde me encontrava quando Ceci me contara sobre a morte de Pa Salt, na nossa salinha de estar sem graça.

Larguei a caneta e fui pegar um copo d'água da torneira. Fazia um calor pegajoso, úmido e abafado, e bebi com vontade, pensando que não *precisava* me obrigar a passar pela dor da recordação. Fora Tiggy, minha irmã mais nova, quem sugerira, quando nos encontramos em Atlantis logo após a morte de Pa:

– Estrela querida – dissera ela, enquanto velejávamos no lago para tentar afastar a tristeza. – Sei que você acha difícil *expressar* o que sente. Sei também que a sua dor é grande. Por que não escreve o que está pensando?

Quinze dias antes, voltando para casa de avião, eu refletira sobre as palavras dela. E, naquela manhã, eu havia me desafiado a aceitar a tarefa.

Encarei o muro de tijolos e percebi, com ironia, que aquela era a metáfora perfeita para minha vida atual, e isso pelo menos me fez sorrir. E o sorriso me levou de volta à mesa de madeira toda marcada que nosso duvidoso senhorio devia ter comprado a preço de banana em uma loja de quinquilharias. Tornei a me sentar e, mais uma vez, empunhei a elegante caneta-tinteiro com que Pa Salt me presenteara no meu aniversário de 21 anos.

– Não vou começar pela morte de Pa – falei em voz alta. – Vou começar por nossa chegada a Londres...

O baque da porta da frente se fechando me assustou, mas logo vi que era minha irmã, Ceci. Tudo que ela fazia era barulhento. Não parecia sequer capaz de pousar uma xícara de café sem batê-la com força e derramar o líquido para todos os lados. Tampouco tinha compreendido o conceito de “voz para falar dentro de casa”: ela gritava tanto que, quando éramos pequenas, Ma ficara preocupada e testara a audição da menina. É claro que não havia nada de errado. Um ano depois, nossa tutora estranhara o fato de eu não falar e me levou a um fonoaudiólogo.

– Ela guarda as palavras lá dentro. É só que prefere não usá-las por enquanto – explicara a profissional. – Vai chegar a hora certa.

Em casa, na tentativa de se comunicar comigo, Ma tinha me ensinado o básico da língua de sinais francesa.

– Sempre que você quiser alguma coisa, pode gesticular para me dizer o que está sentindo. E o que estou sentindo por você agora é isto aqui. – Ela apontou para si mesma, colocou as mãos sobre o coração, depois apontou para mim. – Eu... amo... você.

Ceci também tinha aprendido depressa e nós duas havíamos adotado e aprimorado essa linguagem para criar um idioma particular, uma mistura de sinais e palavras inventadas que usávamos se houvesse gente por perto e precisássemos conversar. Gostávamos de ver a expressão de perplexidade das outras irmãs quando eu gesticulava um comentário dissimulado à mesa do café da manhã e desatávamos a rir.

À medida que crescíamos, Ceci e eu fomos nos transformando na antítese uma da outra: quanto menos eu falava, mais alto e com mais frequência ela se expressava por mim, logo menos eu precisava falar. Nossas personalidades simplesmente se exacerbaram. Isso não parecera importar na infância, espremidas como estávamos em uma família de seis irmãs, pois assim podíamos recorrer uma à outra.

O problema era que agora importava...

Ceci irrompeu sala adentro já falando:

– Adivinhe só? Achei! E a gente já pode se mudar daqui a algumas semanas. A construtora ainda precisa fazer uns acabamentos, mas, quando estiver pronto, vai ficar incrível. Nossa, que calorão aqui dentro. Não vejo a hora de ir embora deste lugar.

Ceci foi para a cozinha e ouvi o barulho da torneira sendo aberta no máximo. Era bem provável que a água tivesse espirrado, molhando as bancadas que eu limpava com tanto cuidado mais cedo.

– Quer água, Sia?

– Não, obrigada.

Repreendi mentalmente a mim mesma por me irritar com Ceci. Eu não gostava de ser chamada pelo apelido que ela inventara quando éramos pequenas, mas pelo menos Ceci só o usava quando estávamos a sós. O nome vinha de um livro que Pa Salt me dera de Natal, *A história de Anastásia*, sobre uma menina que morava nas florestas da Rússia e descobria que era uma princesa.

– Ela parece com você, Estrela – dissera Ceci aos 5 anos enquanto examinávamos as ilustrações. – Talvez você *também* seja uma princesa... Com seus cabelos louros e olhos azuis, é bonita o suficiente para ser mesmo. Então vou chamar você de Sia. Combina muito bem com Ceci! Ceci e Sia... as gêmeas! – Ela batera palmas, animada.

Só depois é que descobri a *verdadeira* história da família real russa, o que havia acontecido com Anastásia Romanova e seus irmãos – algo muito diferente de um conto de fadas.

Além disso, eu não era mais criança e, sim, uma adulta de 27 anos.

– Eu sei que você vai amar o apê. – Ceci tornou a entrar na sala e se jogou no sofá de couro gasto. – Marquei uma visita para a gente amanhã de manhã. Custa os olhos da cara, mas agora tenho dinheiro para isso, ainda mais porque o agente me falou que a City está um turbilhão. Não tem ninguém interessado em comprar neste momento, então consegui barganhar o preço. Já está na hora de termos uma casa de verdade.

*Já está na hora de eu ter uma vida de verdade*, pensei.

– Você vai *comprar* esse imóvel? – perguntei.

– Vou. Ou melhor, se você gostar.

Fiquei tão espantada que não soube o que dizer.

– Está tudo bem, Sia? Você parece abatida. Não dormiu bem ontem à noite?

– Não.

Apesar de eu tentar me conter, lágrimas brotaram dos meus olhos ao pensar nas longas horas insones que se sucederam rumo à aurora, durante as quais eu passara chorando a morte de meu amado pai, ainda sem conseguir acreditar.

– Você ainda está em choque, o problema é esse. Afinal, faz só umas poucas semanas. Juro que vai se sentir melhor, principalmente depois de

ver nosso apartamento novo amanhã. O que está deprimindo você é este pardieiro. Com certeza está *me* deprimindo – acrescentou ela. – Já mandou e-mail para o cara sobre o curso de culinária?

– Já.

– E começa quando?

– Semana que vem.

– Ótimo. Assim dá tempo de escolher alguns móveis para a casa nova. – Ceci se aproximou e me deu um abraço sincero. – Mal posso esperar para lhe mostrar o apartamento.



– Não é incrível?

Ceci abriu bem os braços, indicando o espaço amplo, e sua voz ecoou enquanto ela andava até a imensa fachada envidraçada e abria uma porta corrediça.

– E, olhe, esta varandinha é para você – continuou, acenando para eu segui-la. “Varandinha” era uma palavra muito humilde para descrever aquele espaço comprido, suspenso sobre o Tâmis. – Vai poder enchê-la com todas as suas ervas e aquelas flores em que você gostava de mexer lá em Atlantis. – Ela foi até a balaustrada e olhou para a água cinzenta lá embaixo. – Não é um espetáculo? – Ceci tornou a entrar e eu fui atrás. – A cozinha ainda precisa ser ajustada, mas assim que eu assinar a compra você vai ficar livre para escolher o fogão, a geladeira e tudo o mais. Agora que vai virar profissional – completou, piscando.

– Não exagere, Ceci. Eu só vou fazer um curso de extensão.

– Mas você tem tanto talento... Tenho certeza de que vai conseguir um emprego quando as pessoas virem do que é capaz. Enfim, encontrei o apê perfeito para nós duas, não acha? Posso usar aquele canto para o meu estúdio. – Ela apontou para uma parte estreita entre a parede mais distante e uma escada de caracol. – A iluminação ali é fantástica. E você vai ter uma cozinha grande e a varanda. Foi a coisa mais parecida com Atlantis que consegui encontrar no centro de Londres.

– Sim, é lindo. Obrigada.

Pude ver como ela estava empolgada com seu achado e precisei reconhecer que o apartamento era *mesmo* impressionante. Não quis ser estraga-

-prazeres dizendo a verdade: viver dentro de uma imensa caixa de vidro sem personalidade, com vista para um rio de águas barrentas, não poderia ser mais diferente de Atlantis.

Enquanto minha irmã e o corretor conversavam sobre o piso de tábua corrida clara que mandaríamos instalar, sacudi a cabeça para espantar os pensamentos negativos. Sabia que eu era muito mimada. Afinal, comparado às ruas de Délhi ou às favelas que eu vira no Camboja, um apartamento novinho em folha em Londres não chegava a ser um calvário.

Mas a questão era que eu teria *preferido* uma cabana simples, minúscula, com bases firmes plantadas no chão e uma porta de entrada que desse diretamente para um espaço de terra batida.

Já não prestava muita atenção na conversa de Ceci sobre um controle remoto que abria e fechava as persianas e outro que operava alto-falantes invisíveis de um sistema de som *surround*. Pelas costas do corretor, ela gesticulou para mim as palavras “cheio de onda” e revirou os olhos. Consegui abrir um pequeno sorriso em resposta, mas estava sentindo claustrofobia por não poder abrir a porta e *sair correndo...* Cidades me sufocavam. Eu achava um exagero todo aquele barulho, os cheiros e as hordas de pessoas. Mas pelo menos o apartamento era vasto e arejado.

– Sia?

– Desculpe, Ceci. O que você disse?

– Vamos lá em cima ver nosso quarto?

Subimos a escada e entramos no aposento que, segundo ela, iríamos dividir, muito embora houvesse um cômodo extra. Senti um calafrio percorrer meu corpo ao admirar a vista, que era espetacular ali de cima. Quando examinei o incrível banheiro da suíte, percebi que Ceci tinha dado o melhor de si para achar algo bonito que conviesse a nós duas.

Mas a verdade era que não éramos casadas, e sim *irmãs*.

Depois da visita, Ceci me arrastou para uma loja de móveis na King's Road, então pegamos o ônibus e atravessamos o rio pela Albert Bridge.

– Esta ponte foi batizada em homenagem ao marido da rainha Vitória – expliquei, por força do hábito. – E existe um memorial para ele em Kensington...

Ceci me interrompeu fazendo o gesto de “exibida” na minha cara.

– Sério, Estrela, não me diga que você ainda carrega um guia para todo canto?

– Carrego – admiti, fazendo o sinal de “nerd”. Eu adorava história.

Saltamos perto do nosso apartamento e Ceci se virou para mim.

– Vamos jantar aqui na rua mesmo. Deveríamos comemorar.

– Estamos sem dinheiro.

*Ou, pelo menos, eu estou, pensei.*

– Eu pago – afirmou ela.

Fomos até um pub próximo. Ceci pediu uma garrafa de cerveja para ela e uma taça pequena de vinho para mim. Nenhuma de nós duas bebia muito; minha irmã descobrira que era fraca para o álcool da forma mais difícil, após uma festa. Enquanto ela esperava junto ao balcão, fiquei pensando sobre o dinheiro que Ceci ganhara misteriosamente depois que todas as irmãs tinham recebido envelopes de Pa Salt das mãos de Georg Hoffman, seu advogado. Ceci fora visitá-lo em Genebra. Eu havia implorado a ele que me deixasse acompanhá-la à reunião, mas Georg fora categórico:

– Infelizmente, tenho que seguir as instruções do meu cliente. Seu pai insistiu para que todas as reuniões com as filhas dele fossem individuais.

Assim, fiquei esperando na recepção durante a conversa de Ceci. Quando ela saiu, pude ver que estava ao mesmo tempo tensa e empolgada.

– Desculpe, Sia, mas precisei assinar uma cláusula idiota de privacidade. Deve ser mais um dos joguinhos de Pa. Tudo que posso dizer é que as notícias são boas.

Até onde eu sabia, aquele era o único segredo que Ceci já havia escondido de mim e eu continuava sem ter a menor ideia da origem daquele dinheiro. Georg Hoffman nos explicara que o testamento deixava bem claro que continuaríamos a receber nossas mesadas básicas, mas que estávamos livres para recorrer a ele se precisássemos de um extra. Então talvez bastasse só pedir, como Ceci devia ter feito.

– Tim-tim! – Ela bateu com a garrafa na minha taça. – À nova vida em Londres.

– E a Pa Salt – completei, erguendo a taça.

– Sim. Você o amava mesmo, não é?

– *Você não?*

– É claro que sim, muito. Ele era... especial.

Fiquei observando minha irmã enquanto nossa comida chegava e ela começava a devorá-la. A morte dele parecia ser uma tristeza só minha, não nossa.

– Acha que a gente deveria comprar o apê?

– Ceci, é você que decide. Quem vai pagar não sou eu, então não cabe a mim opinar.

– Deixe de ser boba. Você sabe que o que é meu é seu, e vice-versa. Além disso, se algum dia você decidir abrir aquele envelope que ele lhe deixou, quem sabe o que vai encontrar? – incentivou-me ela.

Ceci não largava do meu pé desde que tínhamos recebido os envelopes. Abriu o seu com um rasgão quase na mesma hora, imaginando que eu fosse fazer o mesmo.

– Vamos lá, Sia, você não vai abrir? – ela me pressionara na época.

Mas eu simplesmente não conseguira... Não importando o que houvesse lá dentro, abri-lo significaria aceitar que Pa tinha partido. E eu ainda não estava preparada para isso.

Depois de comermos, Ceci pagou a conta e voltamos para casa. Ela ligou para o banco e solicitou o depósito para pagar o novo apartamento, em seguida se acomodou em frente ao laptop e começou a reclamar da conexão instável.

– Venha cá me ajudar a escolher uns sofás – chamou da sala enquanto eu enchia a banheira amarelada com água morna.

– Vou tomar banho – respondi, trancando a porta.

Fiquei deitada, imersa, e mergulhei a cabeça. Ouvi os sons distorcidos – *sons uterinos*, pensei – e decidi que precisava ir embora antes de enlouquecer de vez. Nada daquilo era culpa de Ceci e eu com certeza não queria descontar nela. Amava minha irmã. Ela sempre estivera ao meu lado, mas...

Vinte minutos depois, com minha decisão tomada, fui até a sala.

– O banho foi bom?

– Foi. Ceci...

– Venha cá ver os sofás que achei.

Ela acenou para que eu me aproximasse. Obedeci, encarando, distraída, os diversos tons de creme.

– Qual você prefere?

– O que você quiser. É você que curte decoração, não eu.

– Que tal este aqui? – Ceci apontou para a tela. – Claro que a gente precisa sentar nele, pois um sofá não pode ser só bonito. Tem que ser confortável também. – Ela anotou o nome e o endereço do revendedor. – Quem sabe a gente faz isso amanhã?

Inspirei fundo.

– Ceci, você se incomoda se eu for passar um ou dois dias em Atlantis?

– Se é isso que você quer, Sia, claro, sem problema. Vou ver uns voos para a gente.



– Na verdade, eu estava pensando em ir sozinha. Quero dizer... – Engoli em seco, esforçando-me para não perder o embalo. – Você agora está ocupada aqui com o apartamento e tal, e eu sei que tem vários projetos de arte que está ansiosa para tocar.

– É, mas um ou dois dias não vão tirar pedaço. Se é isso que você precisa fazer, eu entendo.

– Sério – falei, firme. – Acho que eu preferiria ir sozinha.

– Por quê?

Ceci se virou para mim, arregalando os olhos amendoados.

– Porque... porque sim. Quero me sentar no jardim que ajudei Pa Salt a plantar e abrir minha carta.

– Entendi. Claro, sem problema – disse ela, dando de ombros.

Senti a atmosfera gélida, mas dessa vez não daria o braço a torcer.

– Vou deitar. Estou com uma baita dor de cabeça.

– Vou dar um analgésico para você. Quer que eu pesquise uns voos?

– Já tomei. Sim, obrigada, seria ótimo. Boa noite.

Inclinei-me e beijei Ceci no topo da cabeça. Como sempre, seus cabelos encaracolados escuros e lustrosos estavam com um corte curto e masculino. Fui até o minúsculo quarto com duas camas de solteiro, mais parecido com um armário.

A cama era dura e estreita, com um colchão fino. Embora nossa criação tivesse sido privilegiada, em meio ao luxo, havíamos passado os últimos seis anos das viagens pelo mundo pernoitando em espeluncas, pois nenhuma das duas estava disposta a pedir dinheiro a Pa Salt, embora estivéssemos duras. Ceci, em especial, sempre fora muito orgulhosa, por isso eu ficava tão espantada ao vê-la gastar dinheiro a rodo, um dinheiro que só poderia ter vindo *dele*.

Talvez eu perguntasse a Ma se ela sabia algo mais, porém tinha consciência de que minha tutora era discretíssima e não espalharia fofocas entre as irmãs.

– Atlantis – murmurei.

*Liberdade...*

Naquela noite, peguei no sono quase na mesma hora.